

PROJETO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: OS IMPACTOS DA OBSERVAÇÃO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Letícia Tiene Beni

Universidade Estadual de Maringá

lele_beni@hotmail.com

Resumo: Este artigo visa refletir sobre os impactos da observação do contexto escolar, do Programa de Residência pedagógica, na formação de uma acadêmica de música. Para isso, foram realizadas observações de duas horas semanais, durante cinco semanas, com relatórios individuais de cada dia. As observações foram realizadas no Colégio Estadual do Jardim Independência, na cidade de Sarandi, Paraná. O artigo está fundamentado em Dayrell (1996) e Almeida (1999). Traz reflexões sobre o papel do professor observador, da escola e a importância do conhecimento da estrutura e recursos que a escola oferece para a realização das aulas.

Palavra-chave: Projeto Residência Pedagógica; Contexto escolar; Educação musical.

INTRODUÇÃO

Durante os três anos e meio de graduação em Licenciatura em Educação Musical, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), fatores como a importância da presença do acadêmico além da carga horária do estágio, a fim de conhecer a estrutura, os recursos e o contexto e a dinâmica escolar, colaborou para novas discussões na área.

Para aprimorar o Estágio Curricular Supervisionado, o Governo Nacional criou uma ação integrada a Política Nacional de Formação de Professores - o Programa de Residência Pedagógica, no qual visa “induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso” (CAPES)¹.

A Residência Pedagógica funciona de forma que os acadêmicos desenvolvam projetos que “fortaleçam o campo da prática” unindo a teoria à atuação profissional docente, recolhendo “dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar”. Dessa forma, estimula a futura presença desses profissionais nas redes de ensino (CAPES).

¹ <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica> (acesso em 10/09/2018).

No curso de Licenciatura em Educação Musical da UEM, o projeto acontece no Colégio Estadual do Jardim Independência, na cidade de Sarandi, Paraná. Este possui três turnos, manhã, tarde e noite, podendo os residentes estar presente em todos os turnos para a realização dessas observações – desde que haja a presença das preceptoras² do projeto. Contendo 1346 alunos matriculados, divididos de acordo com a demanda de cada turno, tendo mais alunos no período da manhã.

O projeto possui uma carga horária de oito horas semanais, sendo um quarto dessas horas (duas horas) destinadas às observações, com o intuito de adentrar o contexto escolar com uma visão mais ampla do funcionamento da dinâmica escolar. Posteriormente serão feitas intervenções por meio de oficinas, acontecendo na semana de integração do colégio. Esta semana a rotina escolar é modificada, acontecendo várias atividades diferentes, ao mesmo tempo, para os alunos. Essas oficinas acontecerão durante três dias em todos os turnos, sendo proposto pela coordenação do projeto.

Diante disso, este artigo tem por objetivo refletir sobre os impactos dessas observação do contexto escolar, do Programa de Residência Pedagógica, na formação de uma acadêmica de música. Para isso, realizei observações durante cinco semanas, coletando a rotina por meio de relatório semanal. Em cada semana eram observados ambientes distintos – pátio, biblioteca, sala dos professores, sala de aula, quadra, refeitório, auditório – e para cada ambiente houve uma reflexão particular.

Além de locais físicos, foram observados os relacionamentos interpessoais – professor/aluno, professor/professor, coordenação/professor, funcionários, aluno/aluno – podendo compreender melhor o funcionamento da dinâmica escolar como um todo.

Almeida (1999) traz em seu livro *Emoção na sala de aula*, o teórico Henri Wallon no qual defende que “o professor só poderá ler, e conseqüentemente interpretar, aquilo que observa com base em um referencial” (ALMEIDA, 1999, p. 15). Neste caso, o embasamento que tive para observar o contexto escolar foi, principalmente, o estudo de Dayrell (1996), o qual apresenta discussões sobre a realidade da escola, compreendendo-a como um espaço sócio-cultural e olhar para o aluno como um ser único e humano.

² Preceptoras são as professoras de artes do colégio, participantes do projeto de forma a acompanhar e orientar os bolsistas no funcionamento escolar.

A ESTRUTURA DO COLÉGIO³

O colégio dispõe de uma estrutura, em sua maioria, antiga, com algumas ampliações mais recentes. As salas apresentam tamanho padrão dos colégios estaduais, tendo uma turma utilizando o laboratório de química como sala por falta de espaço. Cada sala é composta por uma televisão, na maioria delas sem funcionar, ventiladores, um quadro, a mesa do professor e dos alunos de forma enfileirada.

Possui um refeitório pequeno no qual não comporta todos os alunos de cada turno, e construído a pouco tempo. A biblioteca compõe uma gama considerável de livros, possuindo alguns da área de música somente para o professor, e não para os alunos. Para eles, é destinado mais livros de literatura infanto-juvenil, suspense e outros segmentos literários. Também na biblioteca, ficam armazenados os livros didáticos dos alunos, jogos e materiais do tipo globo terrestre, mapas, cartolinas e outros.

A sala dos professores é bem apertada para o tanto de professores que circulam, tendo dois sofás e duas mesas retangulares com cadeiras. Lá, encontra-se uma pequena cozinha para que os professores façam seus lanches, banheiro e armários para guardar os materiais pessoais.

O pátio possui duas árvores em seu meio, sem nenhum banco com que os alunos possam sentar, e não muito amplo. A área externa contempla uma quadra coberta com uma pequena arquibancada, uma quadra aberta, uma mini quadra no canto com uma rede velha de vôlei armada, algumas mesas de concreto, aparentemente de tênis de mesa, e uma cesta de basquete antiga. Ao redor vê-se muitas grades e um bebedouro.

A escola há em sua composição, uma sala pequena destinada aos alunos das altas habilidades, contendo computadores, materiais de artes visuais, plásticas, jogos e atividades de várias disciplinas. Alguns desses alunos também possuem grandes habilidades na música, desenvolvendo belíssimos trabalhos.

No colégio comporta um auditório pequeno, com algumas aparelhagens de som bem antigas, uma bateria desmontada, dois violões sem corda, uma guitarra e um baixo

³ As informações descritas também podem ser encontradas no PPP do colégio, anexado no link a seguir: <http://www.swwindependencia.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/2644/155/arquivos/File/PPP1.pdf>

elétrico, alguns materiais de teatro, data show, cadeiras para mais ou menos 50 pessoas, um palco elevado e pequeno. O auditório precisa ser reservado com antecedência para sua utilização. Para a realização das aulas de música a professora costuma levar seus instrumentos para que os alunos possam tocar, tendo o colégio pouquíssimos recursos para a aquisição destes.

O OBSERVADOR

Segundo Dayrell (1996), a escola é um “espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão”, sendo elas “institucionalmente” e “cotidianamente” no qual se somam em “apropriação dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar” (DAYRELL, 1996, p. 2). Em outras palavras, a escola é uma instituição que deve abordar tanto questões de ordem, regras, quanto saberes, unindo o velho ao novo, considerando o aluno como humano e não como um mero espectador.

Para isso, tentei em minhas observações, olhar a escola pela perspectiva de Dayrell, não com uma visão de julgamento, mas como uma observadora e futura professora. As observações aconteceram durante cinco semanas, duas horas por semana. Nesse tempo em que estive na escola, pensava de que forma poderia fazer diferente, o que manteria igual e o que não faria de forma alguma.

Em um primeiro momento, pude notar um pouco o estranhamento por parte dos alunos e alguns professores em relação a minha presença, não sendo um acontecimento comum no colégio a presença de pessoas “estranhas” nesses espaços. Em alguns momentos, os alunos por vezes se sentiam acanhados, até nos momentos de fazer alguma bagunça. Já os professores se sentiam na obrigação de nos justificar tudo o que acontecia ou faziam.

Em algumas salas que observei, percebia a diferença de comportamento de uma sala para a outra, sendo algumas bem agitadas, porém mais participativa, e outras mais comportadas, no entanto, inerte. Almeida (1999) reforça a ideia de que o professor deve estar atento as reações posturais dos alunos, levando sempre em conta suas emoções. O aluno demonstra seus sentimentos pelos seus atos, pois a falta de movimento ou o exagero representa uma emoção que deve ser melhor compreendida.

De forma geral, os professores tem a tendência de igualar os estudantes, categorizando-os como alunos, “independente do sexo, da idade, da origem social, das experiências vivenciadas, todos são considerados igualmente alunos, procuram a escola com as mesmas expectativas e necessidades” (DAYRELL, 1996, p. 4). Em uma das salas que observei, havia um aluno vindo de Roraima, fugido da situação crítica de imigração que o estado sofre. Em uma breve conversa com ele, pude ver o quanto de conhecimento ele tinha a me oferecer, considerando que eu não conhecia muito sobre o estado e muito menos a real situação na qual aquele povo estava passando. Esse aluno em específico, me provou o quanto temos que olhar de forma individual para cada aluno.

Em um momento na biblioteca, uma aluna, que ali estava a esperar por sua avó para uma reunião com a coordenação, me chamou muito a atenção por uma certa agressividade, mas ao mesmo tempo recuo, ao se comunicar com as professoras que ali estavam. Uma delas depois me comunicou que a aluna já tinha uma filha e estava grávida de novo, aos seus 15 anos. Para isso, Dayrel (1996) defende a ideia de compreender o aluno

na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios (DAYREL, 1996, p. 5).

Observar o contexto escolar vai muito além de conhecer a rotina, os procedimentos obrigatórios, as normas e o ambiente. É perceber o relacionamento aluno-aluno, professor-aluno e até mesmo como o aluno interage com o meio onde ele está, seja com funcionários e até o ambiente físico. Para isso, é preciso desmistificar todos os nossos preconceitos que trazemos consciente e inconscientemente. A aprendizagem perpassa as fronteiras da sala de aula.

Para que o professor possa atuar de forma efetiva, é preciso conhecer o ambiente em que irá atuar, o funcionamento, os ideias que a escola tem e como a gestão escolar enxerga o processo de aprendizagem do aluno.

Em um âmbito acadêmico e futuro profissional, considero que esse conhecimento do contexto escolar é imprescindível para a formação de um licenciando em Educação Musical. Nesse sentido, cabe ressaltar a importância de entender a

dinâmica escolar, o qual permite conhecer previamente a estrutura, instrumentos e recursos que a escola oferece, favorecendo a realização das aulas, a visão de ensino que a escola tem, um melhor planejamento, resultando em um ensino de música mais aprofundado.

Como o objetivo do projeto é englobar todos os cursos de licenciatura, acredito que com esse projeto tem-se a oportunidade do graduando conhecer os espaços físicos e funcionamentos de uma escola para que, na sua atuação consiga planejar suas aulas de acordo com a estrutura e recursos que a escola oferece.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

DAYRELL, Juarez, (1996). A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG.